



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

AMANDA LEITE ALVES

**O EFEITO MEDIADOR DO AUTORITARISMO NA RELAÇÃO ENTRE POSIÇÃO
POLÍTICA E RACISMO REVITIMIZADOR**

**BRASÍLIA
2022**

AMANDA LEITE ALVES

**O EFEITO MEDIADOR DO AUTORITARISMO NA RELAÇÃO ENTRE POSIÇÃO
POLÍTICA E RACISMO REVITIMIZADOR**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof. Dr. João Gabriel Nunes Modesto

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Centro Universitário de Brasília pelo incentivo da presente pesquisa. Agradeço também ao meu orientador, professor João Gabriel Modesto, por toda parceria e ensino nos últimos dois anos que trabalhamos juntos.

RESUMO

O racismo é um grave problema vivenciado no Brasil, podendo ser expresso de diferentes formas. Recentemente, tem despertado o interesse de pesquisadores uma forma de racismo chamada revitimizador, que entende que pessoas racistas acusariam negros de “vitimismo”. Entendemos que essa forma de racismo parece ter crescido nos últimos anos, de forma simultânea ao incremento de posições autoritárias de direita e ameaça aos direitos de grupos minoritários. Tendo isso em vista, a presente pesquisa buscou analisar o efeito mediador do autoritarismo de direita na relação entre a identidade política e o racismo revitimizador. A pesquisa contou com 161 participantes, que responderam a um formulário online no qual constava a Escala de Racismo Revitimizador (ERR), a Escala de Autoritarismo de Direita adaptada ao contexto Brasileiro (EAD) e informaram dados sociodemográficos. Encontrou-se uma mediação parcial do Autoritarismo de Direita entre a identidade política e o racismo revitimizador, em que, quanto mais à direita maiores os níveis de autoritarismo e, por sua vez, quanto maiores os índices de autoritarismo maiores os índices de racismo revitimizador. Apesar do efeito de mediação, verificou-se também uma relação direta entre identidade política e racismo revitimizador, em que quanto mais identificado com a direita maiores os índices de racismo. Concluiu-se que, ainda que o autoritarismo de direita seja um preditor de diferentes formas de racismo conforme a literatura, a identidade política também pode predizer e explicar o racismo. Sugere-se que essa pesquisa seja replicada em um momento de menor polarização política de modo que seja analisado se a identidade política permanece como preditor do autoritarismo e do racismo.

Palavras-chave: identidade política; racismo; autoritarismo.

LISTAS DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS E ABREVIações

Figura 1 – Modelo de mediação entre Identidade Política, Autoritarismo de Direita e Racismo Revitimizador. Página 6

Tabela 1 – Média, desvio padrão e correlação de Pearson entre a identidade política, as dimensões de autoritarismo e racismo. Página 9

Tabela 2 – Parâmetros estatísticos para o modelo de mediação entre Identidade Política, Autoritarismo Geral e Racismo Revitimizador. Página 10

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	2
Objetivo geral	2
Objetivos específicos	2
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	2
Racismo	2
Identidade política e Autoritarismo de direita	4
MÉTODO.....	6
Tipificação.....	6
Participantes.....	7
Instrumentos	7
<i>Escala de Autoritarismo de Direita</i>	7
<i>Escala de Racismo Revitimizador</i>	7
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	7
Procedimentos de coleta de dados	8
Procedimentos de análise de dados	8
RESULTADOS	8
DISCUSSÃO.....	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
REFERÊNCIAS	13
ANEXO A	15

INTRODUÇÃO

O racismo é um fenômeno estrutural cujas consequências são identificadas tanto a nível macro, a exemplo da perpetuação de desigualdades, quanto a nível micro, enquanto gerador sofrimento psíquico. Seus conteúdos e as formas de expressão estão veiculados a dimensões temporais e espaciais. Assim, à medida que as normas sociais passam a condenar o preconceito e o racismo de forma explícita, ele se adapta e continua prevalente com “novas roupagens”. Essas novas formas são entendidas como “sutis”, como camuflagens, o que dificulta que seja identificado e combatido (Lima & Vala, 2004).

A compreensão do fenômeno é de interesse de diversas áreas do conhecimento. A psicologia social, em específico, busca entender as diferentes formas de expressão (e formas de combate) do preconceito, a exemplo do racismo revitimizador. Nesta forma de racismo, há uma atribuição de culpa às minorias pela existência do próprio racismo, configurando uma espécie de revitimização. O fenômeno parece relacionado com o cenário político e social atual no país, no qual se observa uma conjuntura mais conservadora (Lima et al., 2020; Vilanova et al., 2020) e polarizada, bem como uma desqualificação de pautas sociais, o que reflete a importância da compreensão do fenômeno e seus potenciais preditores.

Conforme mencionado, o racismo deve ser entendido enquanto fenômeno estrutural, o que perpassa a manutenção de privilégios e poder (Lima, 2019), envolvendo, muitas vezes, o autoritarismo. O autoritarismo é um construto psicológico estudado desde a década de 1950 (Adorno et al., 1950). Para a compreensão do fenômeno, posteriormente, foi desenvolvida a escala *Right-Wing Authoritarianism* (RWA) (Altemeyer, 1981) e adaptada para investigação em diferentes países. No Brasil (Vilanova et al. 2020), a medida foi chamada de Escala de Autoritarismo de Direita (EAD), possuindo quatro componentes: Autoritarismo, Submissão à Autoridade, Contestação à Autoridade e Tradicionalismo (Vilanova et al., 2018).

Importante chamar atenção que, embora a medida seja chamada de “autoritarismo de direita”, ela pode ser aplicada a pessoas com diferentes posições políticas. A alusão à direita se dá porque o construto tende a ser identificado em maiores índices em pessoas mais vinculados ao espectro político da direita (Vilanova et al. 2018). Apesar das evidências

de que o autoritarismo varia em função da identidade política, ressalta-se que a realização de estudos utilizando a EAD ainda é pequena (Vilanova et al., 2018), sendo necessário compreender o efeito preditor do construto em fenômenos como o preconceito (Cavalcanti, 2016).

Considerando a lacuna da literatura, e que a EAD tende a estar relacionada com posições políticas, o presente trabalho propõe contribuir para o avanço na investigação do racismo tendo como preditores a identidade política e os índices de autoritarismo do indivíduo.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar o efeito mediador do autoritarismo de direita na relação entre identidade política e racismo revitimizador.

Objetivos específicos

1. Identificar os índices de racismo revitimizador;
2. Identificar os índices de autoritarismo de direita;
3. Analisar a relação entre racismo revitimizador e autoritarismo de direita.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Racismo

O preconceito é uma atitude negativa ou hostil direcionada a um indivíduo em razão de pertencer a um determinado grupo desvalorizado socialmente (Allport, 1954). Ou seja, se refere a emoções negativas em relação a um grupo, que podem se manifestar de forma aberta e explícita (discriminação), a exemplo de xingamentos, manifestações de agressividade, entre outros (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999; Pereira, Torres & Almeida, 2003).

O racismo, em específico, é expresso a partir do preconceito (atitude) e da discriminação racial (ação). Esse fenômeno engloba um sistema de crenças que supõe a existência de raças “superiores” e “inferiores”, se sustentando na ideia de que características físicas e biológicas estão intrinsecamente ligadas aos traços culturais, religiosos e intelectuais (Melo, 2019; Munanga, 2004). Diferentemente do preconceito, que pode ser entendido em nível individual (i.e. enquanto atitude), o racismo deve ser compreendido simultaneamente em nível individual e cultural (Lima & Vala, 2004), com consequências diversas, a exemplo da manutenção de desigualdades sociais.

O racismo é persistente e adaptativo (Lima et al., 2020), o que significa que seus conteúdos e formas de manifestação estão veiculados a dimensões temporais e espaciais. O surgimento de diferentes formas de expressão se dá, portanto, a partir de mudanças sociais. Por exemplo, no começo dos anos 2000, as normas sociais fizeram com que manifestações explícitas de preconceito e racismo se tornassem menos aceitas, dando espaço para o surgimento de novas formas mais “sutis” (Lima, 2019, Lima et al., 2020; Lima & Vala, 2004).

Nesse âmbito de investigações (de formas mais sutis ou explícitas), a psicologia social se ocupa em compreender o racismo a partir de diferentes teorias. Em particular, no Brasil, ganha realce a teoria do racismo cordial e revitimizador. O racismo cordial baseia-se em uma polidez superficial para “maquiar” o preconceito e a discriminação racial. Nas relações interpessoais cotidianas, aparece em forma de piadas, por exemplo (Lima & Vala, 2004).

O racismo revitimizador, por sua vez, refere-se a uma perspectiva mais atual do racismo inserido no atual contexto brasileiro. Se baseia na crença no “vitimismo” das minorias, ou seja, ocorre mediante a atribuição de culpa às minorias pela existência do próprio racismo (Lima et al., 2020). Ao passo que o racismo tem sido mais discutido em diversos espaços do cotidiano, como nas universidades e redes sociais, se observa uma espécie de “efeito rebote”, como a narrativa do “mimimi”. Dessa forma, são comumente feitas duas afirmações concomitantes: que o racismo não existe e que é um argumento utilizado pela minoria para justificar seu alcance (ou não) de posições sociais e econômicas. Não obstante, está relacionado com o cenário político e social atual no país, no qual se

observa uma conjuntura mais conservadora e reacionária contra as minorias (Lima, 2019; Lima et al., 2020; Vilanova et al., 2020).

Esse cenário político de incremento do conservadorismo se intensifica a partir de 2013, que culminou com a eleição de um candidato de extrema-direita nas eleições de 2018 (Vilanova et al., 2020). Nesse contexto de incremento do conservadorismo e de polarização política, a identidade política dos indivíduos tem impactos na expressão de diferentes fenômenos, a exemplo do racismo (Lima, 2019). Para Lima (2019), “o crescimento do racismo se associa ao recrudescimento do autoritarismo” (idem, p. 169).

Identidade política e o Autoritarismo de direita

A identidade de um indivíduo é composta por diferentes elementos, a exemplo de sua nacionalidade, religião, sexualidade e orientação política. Especificamente sobre a identidade política, entende-se que há uma predominância de um *axis* linear esquerda-direita (Bobbio, 1996), e que vêm crescendo uma tensão na política brasileira (Gloria-Filho & Modesto, 2019), em que as pessoas cada vez mais parecem se identificar em um desses polos, configurando uma polarização política no país.

A mera identificação mais à direita ou à esquerda no espectro político prediz fenômenos sociais. Galli e Modesto (2021), por exemplo, investigaram o papel mediador das crenças conspiratórias sobre as vacinas contra a COVID-19 na relação entre orientação política e a intenção de se vacinar. Os resultados mostraram que quanto mais à direita os indivíduos se identificam, maior o endosso de crenças conspiratórias, diminuindo significativamente as intenções de se vacinarem.

Em outro estudo sobre COVID-19 e atitudes frente ao isolamento social (Modesto et al., 2020), foi encontrado que, mais uma vez, quanto mais à direita no espectro político a pessoa se identificava, mais negativas eram as atitudes frente ao isolamento social. É importante ressaltar, em ambos os estudos, a existência de um efeito direto entre a orientação política e comportamentos de saúde relacionados ao enfrentamento da pandemia. Em conjunto, tais resultados evidenciam a importância de considerar a identidade política como preditor de fenômenos sociais no país.

Em parte, tais resultados podem ser explicados por uma posição autoritária e de descaso com outras pessoas e grupos sociais, o que nos aproxima do conceito de autoritarismo de direita. Durante muito tempo, o autoritarismo de direita foi conceitualizado como um traço de personalidade, como uma “personalidade autoritária” (Adorno et al., 1950; Altemeyer, 1981), em outras palavras, um construto psicológico relacionado à direita política. A partir disso, foi construída a escala *Right-Wing Authoritarianism* (RWA) (Altemeyer, 1981), medida que foi adaptada em alguns países, inclusive no Brasil, conhecida como Escala de Autoritarismo de Direita (EAD) (Vilanova et al., 2020). Esta medida possui quatro componentes: Autoritarismo – tendência a retirar liberdades civis e apoiar medidas severas, como a pena de morte –, Submissão à Autoridade – tendência a submissão a autoridades com pouca ou nenhuma crítica –, Contestação à autoridade – tendência a criticar, desafiar e protestar contra autoridade, e Tradicionalismo – relacionado com valores e padrões morais tradicionais (Vilanova et al., 2018, 2021).

Atualmente, na visão dominante da literatura, o Autoritarismo de Direita é melhor entendido como uma atitude social (Duckitt et al., 2010) influenciada por traços de personalidade (e não uma expressão direta da personalidade) tendo em vista alguns pontos, como: (1) tende a ser modificado significativamente em alguns contextos, principalmente de ameaça, (2) apresenta correlações moderadas a altas com outras atitudes, e correlações baixas com medidas de personalidade (Duckitt et al., 2010). Chama atenção que o construto tem sido identificado como um importante preditor de diferentes formas de preconceito (Cavalcanti, 2016; Whitley, 1999).

Em um estudo desenvolvido no contexto estadunidense, analisando diferentes formas de preconceito, foi identificado que o autoritarismo foi um preditor do preconceito contra homossexuais (Whitley, 1999). Em outro estudo, Duckit e Sibley (2006) identificaram que o autoritarismo é um preditor ainda mais robusto quando o grupo alvo de preconceito é percebido como “perigoso”. Especificamente sobre o racismo, identificou-se que o autoritarismo é um preditor importante de diferentes formas de racismo (i.e. aversivo, simbólico, biológico) (Hiel & Mervielde, 2006), e que, inclusive, pode ajudar a compreender a sua transmissão intergeracional (de pais para filhos) (Duriez & Soenen, 2009). Já sobre o racismo revitimizador, um estudo recente identificou uma correlação entre o autoritarismo e essa expressão do racismo no Brasil (Lima et al., 2020).

Considerando a escassez de estudos que relacionam a EAD com o racismo revitimizador (Lima et al., 2020 como exceção), e que o autoritarismo varia de acordo com a identidade política dos indivíduos (Villanova et al., 2018), é relevante testar um modelo teórico de mediação, em que o autoritarismo medeia a relação entre identidade política e racismo revitimizador. Tal modelo pode ser visualizado na Figura 1.

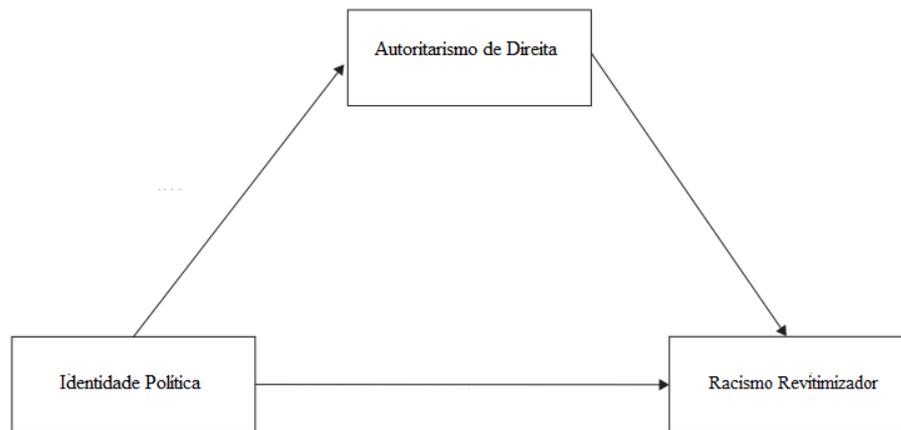


Figura 1. Modelo de mediação entre Identidade Política, Autoritarismo de Direita e Racismo Revitimizador.

A partir do modelo apresentado, foram formuladas como hipóteses de que (H1) quanto mais à direita, maior seriam os índices de autoritarismo de direita, (H2) quanto maiores os índices de autoritarismo de direita, maior seriam os índices de racismo revitimizador e (H3) quanto mais à direita, maior seriam os índices de racismo revitimizador. De forma complementar, (H4) que o autoritarismo de direita teria um papel de mediar a relação entre a identidade política e o racismo revitimizador.

2. MÉTODO

Tipificação

É uma pesquisa básica, quantitativa e exploratória.

Participantes

A pesquisa contou com 161 participantes, cujas idades variaram entre 18 e 75 anos ($M= 39,75$, $DP= 16,85$). A maior parte da amostra consistiu em pessoas do gênero feminino (59,6%), que se autoidentificam como brancas (68,3%), com renda familiar acima de 7 salários-mínimos (34,2%), com escolaridade de Pós-Graduação (26,87%). Além disso, contou com residentes das 5 regiões do Brasil, sobretudo do Centro-Oeste e do Sudeste (ambos 36,6%). Do total de participantes (161), 40 (24,8%) se identificaram “de esquerda”, 63 (39,1%) “centro-esquerda”, 35 (21,7%) “centro”, 9 (5,6%) “centro-direita” e 14 (8,7%) “de direita”. Considerou-se, como critério de inclusão para participação na pesquisa, ser maior de 18 anos, morar em território brasileiro e possuir acesso à Internet.

Instrumentos

Autoritarismo: Para avaliação do autoritarismo, utilizou-se a *Right-Wing Authoritarianism* (RWA) (Altemeyer, 1981) adaptada para o contexto brasileiro como “Escala de Autoritarismo de Direita” (EAD) (Vilanova et al., 2018). A escala é válida e confiável para investigar o autoritarismo na população brasileira. O questionário avalia o autoritarismo decorrente de crenças associadas à direita política. Possui 34 itens divididas em quatro componentes: Submissão à Autoridade ($\alpha = 0,90$), Contestação à Autoridade ($\alpha = 0,86$), Tradicionalismo ($\alpha = 0,87$) e Autoritarismo ($\alpha = 0,94$). O participante assinalou o quanto concordava com as afirmações em uma escala do tipo Likert que varia entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente).

Racismo Revitimizador: Para avaliar o racismo, utilizou-se a Escala de Racismo Revitimizador (Lima et al., 2020), instrumento que apresentou parâmetros psicométricos adequados no estudo de validação ($\alpha = 0,91$). Esta escala possui 10 itens, e o participante avaliou indicando seu grau de concordância com as afirmações em uma escala do tipo Likert que varia entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente).

Dados sociodemográficos: Por fim, os participantes informaram diferentes dados sociodemográficos como etnia/cor da pele, idade, gênero, região do Brasil de residência, nível de escolaridade, renda e identidade política. Especificamente sobre a identidade política, assim como em estudos anteriores (Modesto et al., 2020), o participante indicou em

uma escala de 1 (totalmente à esquerda) até 5 (totalmente à direita) qual sua identidade política dentro do espectro esquerda-direta.

Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa foi desenvolvida integralmente online por meio da plataforma Google Forms. Após aceite do comitê de ética e pesquisa (CAAE: 51592221.0.0000.0023), a pesquisa foi divulgada online por meio de redes sociais como Facebook, Whatsapp e Instagram, entre Dezembro de 2021 a Fevereiro de 2022. Caso aceitasse participar, o indivíduo deveria concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informar alguns dados sociodemográficos (idade, gênero, etnia/cor da pele, região do Brasil de residência, renda familiar, nível de escolaridade e identidade política), responder à escala de autoritarismo e, por fim, a medida de racismo revitimizador.

Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do *software IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20.0. Para os testes de mediação, utilizou-se o Modelo 4 do PROCESS no SPSS (Hayes, 2013).

3. RESULTADOS

Em primeiro lugar, em uma perspectiva exploratória, optou-se por testar o relacionamento das principais variáveis do estudo. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Média, desvio padrão e correlação de Pearson entre a identidade política, as dimensões de autoritarismo e racismo.

Variável	Média	DP	Ident. política	Autoritarismo	Contestação	Tradicionalismo	Submissão	Racismo	Autoritarismo geral
Ident. política	2,34	1,168	1 161	,549** ,000 161	-,370** 0,000 161	,556** 0,000 161	,511** 0,000 161	,729** 0,000 161	,593** 0,000 161

Autoritarismo	2,33	0,75 3	,549** ,000 161	1 161	-,157* ,046 161	,297** ,000 161	,468** ,000 161	,603** ,000 161	,793** ,000 161
Contestação	3,47	0,99 9	-,370** ,000 161	-,157* ,000 161	1 ,000 161	-,386** ,000 161	-,276** ,000 161	-,285** ,000 161	,033 ,678 161
Tradicionalismo	1,8	0,73	,556** ,000 161	,297** ,000 161	-,386** ,000 161	1 ,000 161	,459** ,000 161	,518** ,000 161	,621** ,000 161
Submissão	1,69	0,74 8	,511** ,000 161	,468** ,000 161	-,276** ,000 161	,459** ,000 161	1 ,000 161	,576** ,000 161	,736** ,000 161
Racismo	1,94	0,76 3	,729** ,000 161	,603** ,000 161	-,285** ,000 161	,518** ,000 161	,576** ,000 161	1 161	,665** ,000 161
Autoritarismo geral	2,24	0,44 8	,593** ,000 161	,793** ,000 161	,033 ,678 161	,621** ,000 161	,736** ,000 161	,665** ,000 161	1 161

** Correlação significativa <0,01

* Correlação significativa <0,05

Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, a identidade política se relacionou positivamente com as subdimensões do autoritarismo: Autoritarismo, Tradicionalismo e Submissão, bem como com a dimensão do autoritarismo geral. Ainda, se relacionou negativamente com a subdimensão Contestação do autoritarismo. Além disso, também teve um relacionamento com o racismo. Chama atenção que o racismo teve uma relação com o autoritarismo, tendo se relacionado positivamente com o Autoritarismo, Tradicionalismo, Submissão e com a dimensão geral de autoritarismo. Além disso, se relacionou negativamente com a Contestação.

Para além das análises iniciais, buscando alcançar o objetivo principal da pesquisa, foi conduzido um teste de mediação utilizado o Modelo 4 do PROCESS do SPSS. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2. Parâmetros estatísticos para o modelo de mediação entre Identidade Política, Autoritarismo Geral e Racismo Revitimizador.

Variável critério	Modelo	B	Erro padrão	Sig	IC 95%LI	IC 95% LS
AutGeral	IdentPol	,22	,02	,000	,17	,27
	Racismo	,33	,04	,000	,25	,41
Racismo	IdentPol	,61	,10	,000	,40	,81
	AutGeral	,61	,10	,000	,40	,81

AutGeral = Autoritarismo Geral; IdentPol = Identidade política.

Nota 1: Efeito direto de X em Y: $B = .13$, $SE = .04$, $t = 8,42$, $p = .00$, $LLCI = .25$, $ULCI = .41$.

Nota 2: Efeito indireto de X em Y: $B = .13$, $BootSE = .03$, $BootLLCI = .08$, $BootULCI = .21$.

Conforme visualizado na Tabela 2, pode-se afirmar que foi encontrada uma mediação parcial. Mais especificamente, o autoritarismo geral mediou a relação entre identidade política e racismo, embora a identidade política tenha mantido um efeito significativo de influência no racismo, indicando que, quanto mais a direita, mais as pessoas apresentaram índices de racismo revitimizador.

4. **DISCUSSÃO**

Conforme previamente mencionado, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o efeito mediador do autoritarismo de direita na relação entre identidade política e racismo revitimizador, tendo sido formuladas quatro hipóteses.

Em relação à Hipótese 1, foi encontrada uma correlação positiva entre a identidade política e o autoritarismo, isto é, quanto mais à direita, maiores os índices de autoritarismo. Ainda que a quantidade de estudos utilizando a EAD seja pequena até então, há evidências de que o autoritarismo varia em função da identidade política (Vilanova et al., 2018), o que foi confirmado na presente pesquisa (H1) na medida em que quanto mais à direita, maiores os índices de autoritarismo de direita.

Sobre a Hipótese 2, era esperada uma correlação positiva entre o autoritarismo de direita e o racismo, como visto previamente (Lima et al., 2020), e isso também se confirmou na presente pesquisa (H2). Um estudo realizado por Duckit e Sibley (2006) permitiu identificar que o autoritarismo é um preditor ainda mais robusto quando o grupo alvo de preconceito é percebido como “perigoso”. Sobre o racismo, em específico, identificou-se que o autoritarismo é um preditor importante de diferentes formas de racismo (i.e. aversivo, simbólico, biológico) (Hiel & Mervielde, 2006.). Alinha com a ideia de autoritarismo de direita, a própria identidade política do indivíduo se relacionou com o racismo, na medida em que quanto mais à direita maiores os índices de racismo revitimizador, corroborando a Hipótese 3.

Sobre a mediação (Hipótese 4), por mais que tenham sido observadas relações diretas entre o autoritarismo e o racismo, foi encontrada uma relação de mediação parcial. Em outras palavras, ainda que o autoritarismo funcione como mediador, a identidade política é uma importante variável para explicar o racismo. Ressalta-se, ainda, o caráter preditivo da identidade enquanto variável que explica diferentes fenômenos sociais. Na conjuntura conservadora (Lima et al., 2020; Vilanova et al., 2020) e polarizada em que o Brasil se encontra, em que a desqualificação de pautas sociais tem sido observada, é importante compreender o fenômeno do racismo e seus potenciais preditores, bem como a identidade política como preditora de diversos preconceitos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a pesquisa apresenta algumas limitações. A primeira delas que chama atenção foi a grande quantidade de pessoas da esquerda e centro-esquerda que responderam ao formulário, quando comparado às pessoas de direita. Também houve poucos participantes que se autoidentificaram como negros, que não corresponde à diversidade étnico-racial do país. Pesquisas futuras podem diversificar o perfil da amostra, sobretudo com uma maior quantidade de pessoas da direita.

Não obstante as limitações encontradas, acreditamos que a pesquisa trouxe importantes contribuições. Em primeiro lugar, não havia sido testado ainda na literatura brasileira o modelo de mediação do autoritarismo na relação entre a identidade política e o racismo revitimizador. Ressaltamos, também, que a teoria do racismo revitimizador, bem como a Escala de Racismo Revitimizador (ERR), são mais contextualizadas com a atual conjuntura brasileira (Lima, 2020). É de relevância social compreender o racismo de maneira mais aprofundada, analisando a identidade política e o índice de autoritarismo do indivíduo, tendo em vista o panorama social e político do país.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1950). The authoritarian personality, studies in prejudice series. *Studies in Prejudice, III*, 994.
- Allport, G. (1954) The nature of prejudice. Cambridge: Addison-Wesley.
- Altemeyer, B. (1981). Right-Wing Authoritarianism. Winnipeg, Canada: University of Manitoba Press.
- Bobbio, N. (1996). Left and right: The significance of a political distinction. University of Chicago Press.
- Cavalcanti, A. P. R. (2016). *Relações entre preconceito religioso, preconceito racial e autoritarismo de direita: uma análise psicossocial*. [Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba].
- Duckitt, J., Bizumic, B., Krauss, S. W., & Heled, E. (2010). A Tripartite Approach to Right-Wing Authoritarianism: The Authoritarianism-Conservatism-Traditionalism Model. *Political Psychology, 31*(5), 685–715.
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right wing authoritarianism, social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice. *European Journal of Personality: Published for the European Association of Personality Psychology, 21*(2), 113-130.
- Duriez, B., & Soenens, B. (2009). The intergenerational transmission of racism: The role of right-wing authoritarianism and social dominance orientation. *Journal of Research in Personality, 43*(5), 906-909.
- Galli, L. M., & Modesto, J. G. (2021). A influência das Crenças Conspiratórias e Orientação Política na Vacinação. *Revista de Psicologia da IMED, 13*(1), 179-193. doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.4491>
- Gloria Filho, M., & Modesto, J. G. (2019). Morality, Activism and Radicalism in the Brazilian Left and the Brazilian Right. *Temas Em Psicologia, 27*(3), 763-777. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2019.3-12>
- Hayes, A. F. (2013). Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach. Guilford publications.
- Hiel, A. V., & Mervielde, I. (2005). Authoritarianism and social dominance orientation: Relationships with various forms of racism. *Journal of Applied Social Psychology, 35*(11), 2323-2344.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal), 9*(3), 401–411. doi: <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2004000300002>

Lima, M. E. O. (2019). O que há de novo no “novo” racismo do Brasil? *REPECULT - Revista Ensaios e Pesquisas Em Educação e Cultura*, 4(7), 157–177. <https://doi.org/10.29327/211303.4.7-10>

Lima, M. E. O., Barbosa, I. H. A., Araujo, E. M. S., & de Almeida, J. N. (2020). Construção e validação da Escala de Racismo Revitimizador. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11(2), 130.

Melo, C. V. G. (2019). *Atuação das (os) profissionais de psicologia no tema das relações étnico-raciais*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].

Modesto, J. G., Zacarias, D. O., Galli, L.M., and Neiva, B. A. Covid-19 and Attitudes Toward Social Distancing: The Role of Political Beliefs, Morality, and Fake News. *Estudos de Psicologia* (Natal), 1-20.

Munanga, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Palestra proferida*, (3ª), 1-17.

Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95–107. doi: <https://doi.org/10.5840/teachphil198912367>

Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (1998). *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Vilanova, F., Sousa, D. A., Koller, S. H., & Costa, A. B. (2018). Adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da escala Right-Wing Authoritarianism. *Temas Em Psicologia*, 26(3), 1299–1316. doi: <https://doi.org/10.9788/tp2018.3-07pt>

Vilanova, F., Segundo, D. S. de A., Stucky, J. L., Duarte, M. de Q., & Costa, A. B. (2020). Você é de Direita ? Efeitos Preditivos do Autoritarismo e do Preconceito na Autocategorização na Direita. *Revista Psicologia Política*, June, 21.

Vilanova, F., Koller, S. H., & Costa, Â. B. (2021). Mediation effects of right-wing authoritarianism factors in the path religiosity-prejudice towards sexual and gender diversity. *Psychology & Sexuality*, 12(4), 374-383.

Whitley, B. E., Jr. (1999). Right-wing authoritarianism, social dominance orientation, and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(1), 126–134. doi: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.1.126>

ANEXO A

Escala de Racismo Moderno (ERR)

Este questionário busca entender suas opiniões sobre percepções sociais. Por favor, marque o quanto você concorda com as afirmações abaixo: (1- discordo totalmente ao 5- concordo totalmente)

1. As pessoas discutem o racismo mais do que deveriam.
2. No Brasil, com as políticas de ação afirmativa, os negros têm mais privilégios que os brancos.
3. O que chamam de "privilégio dos brancos" é, na verdade, construído a partir do esforço das pessoas, e não uma vantagem já existente.
4. Independentemente da cor da pele, todos têm as mesmas oportunidades na vida desde que se esforcem.
5. O racismo não deveria ser usado como justificativa para não atingir objetivos pessoais.
6. Em geral, no Brasil, os brancos têm mais direitos do que os negros.
7. O racismo só existe na cabeça das pessoas que se dizem vítimas dele.
8. Se os negros tivessem mais força de vontade, conseguiriam ascender socialmente tanto quanto os brancos.
9. Dizer que no Brasil há desigualdade de oportunidades entre brancos e negros é exagero.
10. O racismo só se sustenta quando encontra aceitação dos que se dizem discriminados.